

EDITORIAL

Apresentamos o número da REVER intitulado “Desigualdades de Gênero e Religião”. Nele, há oito estudos que se debruçam sobre as relações entre religião, gênero e poder através de diferentes abordagens e temas. O presente número mostra o que vem sendo produzido nesse campo de estudos. Projeto que vem sendo realizado pelo GREPO (Grupo de Estudos Gênero, Religião e Poder) com apoio do CNPQ/SPM, sobre a constituição de um campo de pesquisa sobre gênero e religião no Brasil, aponta o crescimento dos estudos que entrelaçam esses dois aspectos. Mesmo com revistas consagradas ao estudo de gênero (Pagu e Estudos Feministas) a oferecerem espaço para o tema religião, e ainda que exista uma revista especificamente dedicada a gênero e religião (Mandrágora), os espaços para a divulgação desses estudos ainda são limitados. Procurando suprir, em parte, essas restrições, esta edição apresenta um painel diversificado.

O/A leitor/a irá se deparar com temas como a ação de uma congregação católica no campo da educação e a introjeção da culpa; religiosas e a disputa, quase silenciosa, por espaços de poder com seus pares homens; a voz e o silêncio das religiosas em mosteiros; a apropriação de um modelo de virtudes por moradoras de uma cidade mineira; a questão da homossexualidade e do gênero nas religiões; e o surgimento e desenvolvimento da Teologia Feminista no Brasil e América Latina. História, Antropologia e Sociologia se entrelaçam em muitas dessas pesquisas.

As leitoras e leitores perceberão, também, que os estudos de gênero ainda são majoritariamente realizados por mulheres, e que as indagações neles contidas - embora não deixem de trabalhar com o relacional entre o masculino e o feminino, foco principal dessas pesquisas - partem do feminino. Certamente, há motivos para que seja assim. Pela histórica dívida do espaço acadêmico com as mulheres, ainda há muito que dizer a respeito delas já que por longo tempo foram excluídas desse espaço.

A seguir, apresentamos, brevemente, o conteúdo trabalhado por cada um desses artigos. Três estudos que resvalam ou que tematizam a vida religiosa abrem este número. Iniciamos com o artigo de Ângela Xavier de Brito, *Exame de consciência, sentimento de culpa e formação de um habitus feminino*, que estuda

a formação do *esprit de corps* em colégios católicos franceses - especificamente o caso do Colégio Sion do Rio de Janeiro -, ou seja, a socialização das alunas neste colégio e as consequências para sua vida posterior. Trabalhando com questionários e entrevistas, Ângela de Brito mostra, na diacronia, a estabilidade da implantação do modelo educativo no Brasil durante aproximadamente oitenta anos; e, na sincronia, *o que as meninas de Sion fizeram do que fizeram com elas*. Brito identifica a formação do sentimento de culpa relacionado ao exame de consciência público e pela atribuição de notas de acordo com a proximidade a um código de conduta determinado pela instituição e pautado, obviamente, na moral católica. Dialogando com outras pesquisas no campo da História da Educação, o artigo conclui com uma forte hipótese que chama para novas pesquisas: a cultura escolar católica estimulava o sentimento de culpa entre minorias oprimidas, fossem elas mulheres ou homens, de baixa renda.

Em seguida, Isabel Morujão analisa a emergência da escrita monástica feminina em conventos de Portugal entre os séculos XVI e XVIII em *Sinais de fogo. Entre a voz e o silêncio: literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos*. Não se furtando a relacionar a escrita dessas mulheres à escrita em geral e o espaço privado do convento com demandas sociais por textos, poesias, crônicas, pensamentos piedosos emanados do intramuros da clausura, Morujão identifica os *sinais de fogo* dessa escrita feminina em fontes diversas. Salienta que, se muitas vezes foram os homens a solicitar e retirar do silêncio essas mulheres, outras vezes foram eles a calá-las. A relação com o espaço que ocupavam foi determinante desses movimentos. Sob a obediência, muitas vezes escreviam contra sua vontade. Suas falas aparecem fragmentadas em biografias, histórias e crônicas dos conventos de maior prestígio, mescladas ou não as vozes masculinas dos padres autores desses textos. Em outros casos, as religiosas tiveram seus textos queimados, por elas mesmas ou por iniciativas dos padres que as dirigiam. Ou ainda, foram totalmente silenciadas nas crônicas escritas por padres que se apropriaram de suas falas. Esses textos circulavam em espaços ambíguos e eram alvo de apreço e desconfiança, necessidade e condenação.

Paula Leonardi, em *Vestígios de um lugar próprio: religiosas francesas no Brasil*, discute as disputas em torno da memória em uma congregação católica. Cartas, crônicas, biografias e livros compõem as fontes utilizadas pela autora.

Através delas, Leonardi procura mostrar como é possível encontrar rastros das disputas das freiras com seus pares homens por um lugar de poder. Essa luta, frequentemente, é apagada na memória oficial, escrita por padres. Embora bebam nas fontes dos textos produzidos pelas religiosas, aí se processa um apagamento das individualidades/personalidades.

Dois estudos sobre sexualidades também compõem este número. Em *Homossexualidade e igrejas cristãs no Rio de Janeiro*, as autoras Maria das Dores Campos Machado, Fernanda Delvalhas Piccolo, Luciana Patrícia Zucco e José Pedro Simões Neto, debruçam-se sobre as opiniões de treze lideranças católicas, pentecostais e de igrejas evangélicas históricas sobre as homossexualidades e as reivindicações dos movimentos LGBT. Nessas falas, procuram identificar as tensões da religião com os movimentos sociais e com a política. A partir das proposições de Eisenstadt sobre modernidades múltiplas, em que é possível encontrar tanto a secularização como o avanço da religiosidade, o artigo aponta os núcleos de sentidos nos discursos desses líderes, assim como a dimensão de poder aí contida. Os autores identificam um *continuum* que vai desde a opção/tendência até a possessão e o pecado diferenciando as posições católicas e protestantes, embora nestas últimas, em alguns casos, os líderes resignifiquem as normas de sua igreja. Neste sentido, também se percebem ambivalências nas posições dos líderes que ocupam também outras profissões. Essa ambivalência retarda alguns processos, mas também pode permitir negociações pessoais no interior da religião.

Valéria Busin, em artigo intitulado *Religião, sexualidade e gênero*, foca a importância da matriz católica na cultura brasileira e sua influência sobre a maneira como nossa sociedade pensa e trata a homossexualidade. Trazendo informações históricas a respeito desses assuntos, Busin mostra que houve uma inflexão nos séculos XVIII e XIX que levou ao interesse e à interrogação daqueles que estavam à margem da sexualidade considerada normal. Perseguindo a questão da sexualidade, a autora aponta alguns exemplos de textos bíblicos que foram, e ainda são destacados, repetidos e utilizados nos discursos que visam manter a homossexualidade na penumbra e no silêncio.

Em seguida, apresentamos um estudo cuja questão familiar é central. Raquel dos Santos Sousa Lima procurou responder sua questão central - como

homens e mulheres se apropriam de um modelo de esposa construído na história de uma santa - em *“Ela é um modelo de esposa”: representações viçosenses sobre a vida conjugal de Santa Rita*. A Santa tem o título de padroeira da cidade mineira desde o século XIX. A autora revela que se inquietava diante das biografias e sermões que exortavam os fiéis a seguirem o exemplo de uma mulher que foi violentada pelo marido. Decidiu dar voz aos devotos para ver como entendiam essas histórias e como se apropriavam desse modelo. Lima identifica, assim, uma apropriação múltipla e circular na qual são mescladas as biografias e os sermões do padre a uma grade de leitura utilizada pela população que revela diferentes usos do modelo. Nessas narrativas, a abdição aparece como instrumento transformador.

Encerrando a Seção Temática deste número, Neiva Furlin, em *Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico*, retrata o percurso histórico da constituição de uma Teologia Feminista na América Latina e, especialmente no Brasil através de encontros acadêmicos e da constituição de organizações que promoveram a emergência, a visibilidade e a troca de ideias entre teólogas feministas. Desde os encontros ecumênicos nacionais de Teologia na perspectiva da mulher, passando pelo Primeiro Encontro Latino-Americano de Mulheres Teólogas em Buenos Aires, até a criação do *Católicas pelo Direito de Decidir*, Furlin percorre também as sutis mudanças de perspectiva na Teologia Feminista ao longo dos anos. A Teologia Feminista emergiu, assim, como resultado de novas organizações no espaço social e de uma abertura no campo eclesial. A autora destaca que a ação dessas mulheres, entretanto, foi fundamental para a visibilidade da mulher na instituição eclesial.

Boa leitura!

Maria José Rosado*

Paula Leonardi**

* Socióloga, Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gênero, Religião e Política (GREPO - PUC/SP). Fundou e dirige a ONG *Católicas pelo Direito de Decidir*.

** Professora do Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Educação da Universidade São Francisco, vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Educação e Religiões (GEHER - FE/USP) e do Grupo de Pesquisa Gênero, Religião e Política (GREPO - PUC/SP).

Comunicado da Redação

Caras leitoras e caros leitores da REVER

Depois de 10 anos como periódico eletrônico a *Revista de Estudos da Religião* entra uma nova fase da sua existência. Entre 2001 e 2010, nosso periódico foi publicado em um ritmo trimestral. A partir de 2011, a REVER passa a ser uma revista semestral sem prejuízo no que diz respeito ao número total de artigos publicados por ano. Ela incorpora também a demanda da revista “Religião & Cultura”, descontinuada no ano passado. Isso significa um aumento considerável do volume de uma edição semestral em comparação com as edições trimestrais. Ao mesmo tempo, cada número da REVER é publicado em dois formatos. A versão digital dará continuidade à nossa política de garantir o acesso gratuito à revista. Graças ao envolvimento da editora Paulinas em nosso projeto será possível adquirir a REVER em forma impressa. Em termos de conteúdo, ambas as versões são idênticas. A única diferença entre os dois formatos consta no fato de que cada versão possui um ISSN próprio.

Em nome da redação

Afonso Maria Ligorio Soares & Frank Usarski